



## « O MAPICO »

### Dança dos Macondes

**N**ÃO está ainda cientificamente averiguada a origem da tribo «MACONDE», que se acantona no Niassa Português no planalto do mesmo nome. Seja porém qual for a sua origem, tenham, vindo da Rodésia do Sul, do Niassalândia ou do Tanganica, nada têm de comum com os povos «MACUAS» que os rodeia por Leste e Sul; — nem na língua, nem nos hábitos, nem nas qualidades morais, nem numa grande parte dos seus caracteres somáticos.

Entre os seus usos tribais há especialmente três que os tornam inconfundíveis com os povos seus vizinhos: — a tatuagem com que deformam horrivelmente as feições, as mutilações das suas mulheres já de si horrendas e nojentas, e a dança especial a que chamam «MAPICO», que só entre eles se executa, acompanhada por numerosa orquestra constituída por grande número de tambores gentílicos de cinco tamanhos e feitos diferentes, tendo cada tambor dum dado grupo o seu som característico, o que torna o conjunto, musicalmente, uma barulheira sincronizada e polifónica.

Deixamos para trabalho mais minucioso, por tanto mais extenso, a descrição das cinco espécies de tambores, a forma de os construir, de os afinar e de os tocar, e em especial a disposição que cada grupo toma no conjunto, as qualidades e as características das madeiras de que são feitos. Vamos hoje simplesmente apresentar umas breves notas sobre os dançarinos e a execução da dança.

Os dançarinos, ou «MAPICO», apresentam-se mascarados com grandes máscaras feitas de madeira muito leve, e endumentados por igual e de forma a não poderem ser reconhecidos por ninguém.

Para isso internam-se no mato denso, longe das povoações, e aí se mascaram, sendo depois conduzidos ao local da dança pela mão dos acólitos que os foram ajudar a mascarar, mas que não podem dizer de quem se trata, pois que, especialmente as mulheres, não devem saber quem é o «MAPICO».

A grande máscara de madeira onde metem a cabeça pouco ou nada os deixa ver, pois só tem um orifício, abertura que figura de boca, e na altura desta, por onde respiram. Esta máscara está ligada inferiormente a um pano formando folhos — (GOIAMOTO) — que lhe cai pelos ombros, peito e parte das costas.

O tronco é fortemente cingido com um corpete — (GLONDA) — feito de folhas de palmeira anã — (DINOVE ou CAMBALA), — terminando sobre as ancas por um grande pano — (NILABE) — formando também muitos folhos em larga roda.

Os braços e as pernas são fortemente cingidos com panos muito escuros e ceberos, — (IAMBANI-AMADADO), — como ceberos e engordurados são todos os panos com que se vestem ou cobrem, pois estão impregnados de óleos vegetais e barro vermelho com que andam sempre a esfregar-se sem nunca se lavarem.

Ao longo dos braços e das pernas, pela parte exterior, uma fila de grossos botões feitos uns de madeira e outros de folha de ferro. A frente do corpete também apresenta este ornamento.

Ao pescoço uma espécie de garrafeiras feitas grosseiramente da lata velha, — (uma pequena pedra dentro para produzir som) — Só as mãos e os pés ficam à vista.

Disposta a orquestra tendo por fundo que também tomam parte na exibição, os tambores, uns isolados e outros em conjuntos de trombetas de chifre de pala-pala, destacando dois ou três bailarinos, «MAPICO», e

Com os braços abertos e curvos vão abraçar alguém, os corpos curvos parados, fazem ao mesmo tempo, no mesmo ritmo, greficas feitas simultaneamente, um forte ritmo e enervante. Todas as voltas que sempre pelo lado direito. Esta sarabanda todos os tambores rufados ao mesmo tempo.

São de novo a trombeta de chifre; presentes: novo saracoteio dos mascarados. Ao acabarem esta cena coreográfica e a algazarra atinge o auge todos os assistentes dão um urro formidável em unísono.

A assistência que colabora em toda a dança, os homens só tem uma tangasita escura a cobrir o corpo. As mulheres, além da tanga, que é um pequeno segundo pano, também a confundir-se com o primeiro, de óleo e barro vermelho, a cingir-lhe o corpo e um destes panos desce abaixo dos joelhos.

Quando um dos mascarados — «MAPICO» — faz a sua palhaçada, todos os presentes atiram-lhe uma pedra e dão um urro. Novo gesto de pedrada e novo urro.

Segue-se depois uma sarabanda infatigável. Os dançarinos, homens e rapazes à frente, todos numa melopeia em tom menor, espalhados dançando todos em pequenos círculos, de um atrás e girando um pouco da direita para a esquerda, todos levantam o braço e dão o urro.

Os mascarados só vem fazer a sua parte, raramente três a três. Esta combinação dos



Um componente da dança "O Mapico"



# is de Moçambique

## Exploração Florestal

(Continuação da página 11)

novo — que até se desenvolveria com mais eliminadas as árvores velhas que o ensombravam a agricultura indígena.

O fica guardada, o indígena — que sabe que — entra logo nela, derruba os arbustos e as maiores e junto destas empilha a lenha a alimentar, não se circunscreve à área da mata floresta que arde durante muitos dias e a árvore.

de cinza e entre os troncos queimados das faz a sua machamba cultivando milho, amendoim, e se lhe determinarem, semeia algodão. Mas, operando assim, transformam, em poucos anos, as florestas em pinzais.

havia regiões de densas e ricas florestas e quando houve concessionários florestais, e que desarborizadas.

na de exploração florestal que, em parte, contra floresta que é o corte pelo regime de licença em vez de dirigir o corte, contrata com os técnicos não importando o aproveitamento racional da madeira é por isso muito grande. Evitado se as florestas de boas madeiras fossem, para evitar a entrada dos indígenas, e os técnicos florestais. Não havia nem destruição do arvoredo. A floresta mantendo-se sendo contudo explorada com re-

plorada não é uma riqueza; do mesmo modo que a mina de rico minério que não se explore.

o valor é o valor da madeira e lenha anualmente que está ameaçada de paralisar por falta de arvoredo que é destruído, pelo agri-

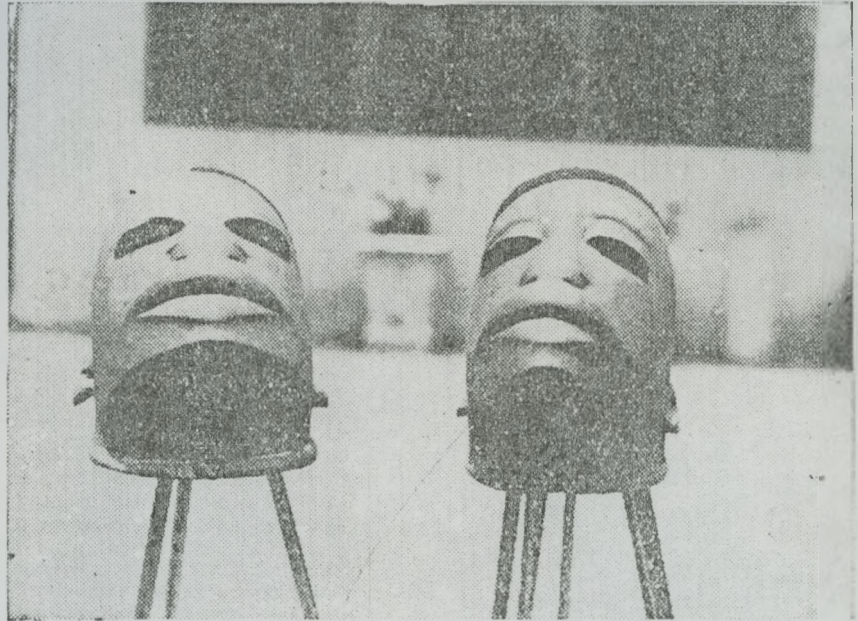
# Ensaio Etnografia moçambicana

## O «Mapico» — Dança dos Macondes

(Continuação da página 51)

diferentes, ou talvez melhor, uma dança de competição entre os «Mapicos» dos vários clãs.

Ninguém que assista pode saber quem é este ou aquele «MAPICO», excepção feita ao acólito de cada um. É «tabu» as mulheres sabê-lo. As-



Máscaras do Baile O «Mapico»

## ante a colonização europeia

(continuação da página 34)

dia quando foi contratado e onde deixou as coisas é preciso perder tempo a procura-lo, sal-

to o indígena regressará à sua povoação, e a produtividade. Fazê-lo perder esse defeito e a produtividade o obriguem a cultivar a terra, fornecendo-lhes as necessárias e indicando-lhes um mínimo de

os contratos deve ser tanto quanto possível em seis meses, para o não deixar arrefecer pelo tempo e civilização adquiridos no seu contacto

ncia, onde as terras se encontram quase todas porque ao indígena é dada a possibilidade dentro da sua Circunscrição por qualquer países vizinhos. E, porque a sua rudeza não tagens ou desvantagens de tais contratos, o lido, e parte esperançado nas riquezas de se ar, traz, consigo apenas uns escassos este artigos inúteis que lhe custaram grande ganho.

r, tanto quanto possível, o envio de contratos, evitando que regiões fertilíssimas como ara não citarmos outras, nos ofereçam a delon, que a falta de mão de obra indígena

ivos colonos que por essa África fóra prominho da agricultura ou pretendem extrair os que tornam Moçambique a mais cobiçalo Ultramar português.

o sério para o problema da mão de obra ndívê-la e estimulá-la de forma a que possamos de não terem sido baldados os esforços já continuidade que o assunto muito bem merece. de obra indígena apesar de bastante com o, de ter viabilidade. Mas merece ser estudis pormenores há que não podem ser des: um futuro plano de aproveitamento da res: «calejados» pela vida árdua do interior capaz de fazer obra de jeito. E esses, genegrato do esquecimento.

sim como é «tabu» assistirem à construção das máscaras. Este facto pode ser talvez interpretado de várias maneiras, mas a sua interpretação, pelo estudo que requer, já está fora do âmbito deste artigo.

## Um conto por mês

### A CURA

(Continuação da página 39)

motivos de serviço, não poderia vir buscá-la para a acompanhar no seu regresso à vida.

O dia almejado chegou. Maria Fernanda ia abandonar aquele quarto de que fóra cativa durante de seis meses, onde julgara encontrar a morte, mas onde encontrara a esperança, a compreensão da existência.

Quando a porta do sanatório se fechou sobre si e se encontrou na pequena alameda que conduzia ao portão onde um carro a esperava, sentiu-se lançada num novo mundo que lhe abria as portas, sentiu que o sol a beijava, que caíam as correntes que a prendiam a um passado que não queria recordar, e os seus passos levavam-na confiante para um futuro que desejava conquistar.

Chegou ao portão. Virou-se. O sol reflectia-se nas vidraças das janelas que se alinhavam uniformemente ao longo da fachada. O último olhar para esse edifício que fora o seu cativeiro.

E Maria Fernanda não pôde adivinhar que esse seu rápido olhar de despedida fora um bálsamo para alguém que, duma dessas janelas que ela via todas iguais, a seguia com um olhar febril e tão perturbado com a sua partida que nem sentiu abrir-se a porta do seu quarto. E só quando o médico lhe pousou a mão no ombro é que despertou, para ouvir o que ele lhe dizia:

— Vamos, Jorge. Tem de se deitar. Agora é preciso que você se trate. Fui um doído em lhe dar ouvidos, mas espero que possamos compensar o tempo perdido.

Jorge não se moveu. Continuava a olhar para o portão por onde Maria Fernanda desaparecera.

— Então? Não quer ir ter com ela?

Jorge encarou o médico e o seu olhar cheo de ansiedade dizia:

— Sim, agora quero ir ter com ela...

Mas há muito que uma mão metódica escrevera na ficha de Jorge de Lemos: incurável.